

SEM PREFERÊNCIA

Adoção: para eles, a idade é o que menos importa

Lenice e Wellington fogem do perfil da maioria dos casais que adotam no país

ELTON LYRIO
emorati@redegazeta.com.br

O lar que durante 19 anos abrigou apenas o casal ganhou som de gargalhadas e brincadeiras de criança. No começo, a alegria veio multiplicada por dois. Hoje já são quatro. A história pode se parecer com a de outros casais que tiveram a vida mudada depois de se tornarem pais, mas os filhos da professora Lenice Cerillo Risperi, 48, e do servidor público, Wellington Risperi, 50, têm algo especial: os quatro são adotados. E todos eles foram adoções "tardias", com mais de 3 anos de idade, e fora do perfil desejado pela maioria dos casais.

Há quem diga que os adotivos são filhos do coração. Lenice prefere dizer que são filhos "do corpo inteiro", já que para ela não há a menor diferença entre os quatro Andrés - Lucas, de 9; Marcos, de 7; Miguel de 5; e Gabriel de 4, - e os filhos biológicos que não chegou a ter.

Lenice confessa que no começo era resistente à adoção, até que, em 2007, em uma de suas muitas viagens ao Norte do Estado, foi convidada por uma amiga para conhecer um abrigo, na cidade de Píneiros. Eles ainda não eram candidatos à adoção



VITOR JUBINI

O casal e os quatro Andrés: no início a ideia era adotar um só, mas a alegria foi logo multiplicada

— “Essa alegria não tem preço. É triste saber que, durante um tempo, eles ficaram longe de nós”

LENICE RISPERI
PROFESSORA

quando conheceram André Lucas e André Marcos, que são irmãos biológicos. “Ele virou para nós e perguntou: ‘quando vocês vão voltar para me buscar?’. Daí, quinze dias depois voltamos ao abrigo, e conhecemos o André Marcos, que na primeira vez estava dormindo. Na mesma semana demos entrada no papel, e eles já estavam em casa conosco”,

— “Não é um amor de pena. Sinto amor de pai, que dá carinho, educa, chama a atenção”

WELLINGTON RISPERI
SERVIDOR PÚBLICO

conta Lenice.

ALEGRIA EM DOBRO

Já no ano passado foi a vez de chegarem os mais novos André Miguel e André Gabriel. No começo, a ideia era adotar um só. E para isso o casal se inscreveu na Vara da Infância e Juventude da Serra. Durante o curso preparatório, eles conheceram André Miguel, adotado assim

que concluído o processo de destituição. Mas a vontade de ter apenas mais um filho não resistiu aos apelos do agora caçula do casal. “Quando fomos ao abrigo ele me abraçou e pediu para levarmos ele também”, contou Wellington. E assim, há oito meses, a família estava completa.

O casal destaca que desde que decidiu adotar fez a opção pela adoção tardia. E não se arrepende. “As pessoas têm resistência porque acreditam muito na genética. Mas o ser humano tem a facilidade de adaptar. Em uma semana tinha gente que não acreditava que eles eram adotados”, relata a professora.

O nome dos dois mais novos foi uma decisão tomada em família. “Os dois pediram pra que fosse André também”, contou Lenice. Ela revela que desde que saíram do abrigo os meninos ganharam novos nomes. “Mudamos o nome para simbolizar que eles teriam uma nova vida”, relata.

Wellington lembra que agora a casa não é mais a mesma. Literalmente. A família teve que se mudar para uma maior. O carro também mudou para dar conta de transportar a família que cresceu. Agora são seis lugares. “Eles não estão aqui para preencher um vazio, mas sim para multiplicar a nossa alegria”, diz o servidor público.

Campanha vai mostrar que adoção tardia pode dar certo

Casos como o de Lenice e Wellington, que adotaram três dos quatro filhos depois dos três anos, ainda representam apenas 20% das adoções realizadas no Estado.

Segundo dados da Comissão Estadual Judiciária de Adoção (Ceja), do Tribunal de Justiça do Estado, a maior parte das adoções realizadas no Espírito Santo é de crianças de 0 a 3 anos.

A juíza do primeiro juí-

zado da Infância e Juventude da Serra, Gladys Píneiro, explica que a opção dos casais por um determinado perfil de criança acaba fazendo com que a espera por um filho na fila de adoção demore. “As pessoas preferem as meninas, recém-nascidas, de no máximo dois anos e que não tenham doenças e nem irmãos. Essa não é a realidade dos nossos abrigos”, apontou.

Pinheiro está à frente de

uma campanha, que será realizada de 19 a 24 deste mês, no Shopping Mestre Álvaro, na Serra, para conscientizar as pessoas de que é possível fazer uma adoção tardia bem sucedida. “Precisamos mostrar que a idade não é barreira para a criação de um vínculo familiar”, ressaltou.

Segundo ela, ações como os cursos preparatórios de adoção estimulam os pretendentes até mesmo a mudarem

de ideia quanto ao perfil da criança.

A coordenadora do Ceja, Maria Inez Valinho, revelou que dentre as 291 crianças disponíveis para adoção hoje no Estado, apenas três, têm de 0 a 2 anos. Segundo ela, outra questão é a resistência à adoção de grupos de irmãos. Normalmente, quando são mais de dois, eles costumam ser adotados por famílias de fora do país. “Às vezes, são famílias diferentes, mas que garantem a convivência entre os irmãos”, destacou. No ano passado, 31 crianças foram adotadas por casais de outros países.

FIQUE POR DENTRO

Dados no Estado

▼ Pretendentes

Há hoje na fila de adoção 1.059 pretendentes habilitados. Já o número de crianças é bem menor: 291

▼ Adoções

Em 2011, 243 crianças foram adotadas

Adoção tardia

▼ O que é?

Costuma-se chamar de “tardia” a adoção de crianças com mais de 3 anos. Normalmente, elas representam apenas 20% das adoções

▼ Preferência

O perfil desejado é de meninas, de 0 a 2 anos, sem irmãos

▼ Faixa etária

Há no Estado apenas três crianças disponíveis para adoção 0 e 2 anos

▼ Convivência

Em caso de grupos de irmãos, a preferência é por não separá-los

▼ Exterior

A maior parte das adoções de grupos de irmãos maiores de 3 anos é feita por casais do exterior. No Estado, quem mais adota são os italianos